

# FERREIRA DE CASTRO

TERRA FRIA



cavalos de ferro

*A Diana de Liz*

## PÓRTICO

*Nem eu sei quando nasceu no meu espírito este amor pelos povos minúsculos, pelas repúblicas em miniatura, por todos os que vivem isolados no planeta.*

*As pequenas ilhas, sobretudo, fascinam-me, porque permitem observar melhor o homem entregue a si próprio, fechado sobre si mesmo e, simultaneamente, disperso no infinito, entre mar e céu – inconsciente até do labor psíquico por ele realizado perante o eterno limite.*

*A nostalgia deve ter nascido numa ilha e só numa pequena ilha se compreende, integralmente, o subtil significado da distância. Essa sufocação que dá a terra sem continuidade, como se o aro líquido que a estrangula se viesse fechar também em volta da nossa garganta, desperta constantes rebeldias e constantes impotências, acorda mil sentimentos ignorados, remexe, tortura, cava fundo na alma até ao momento de esta se submeter por falta de mais energias.*

*Atrai-nos, porém, o confronto entre aqueles a quem as ilhas tomam inquietos até à neurastenia, aos grandes desesperos íntimos, e os que vivem apáticos, há muitos séculos, nos fundões dos continentes, que herdaram a resignação, como se fora uma tara, e parecem não atentar, sequer, no limite do seu mundo terreno. Para isso e sem dar por isso, criaram um mundo psíquico particular, que nem sempre se revela ao primeiro contacto,*

*mas que persiste, bem singular e nítido, para quem o analise com aguçadas pupilas.*

*Nos pequenos povos, nas minúsculas repúblicas, nas regiões onde existem ainda princípios feudalistas ou aonde não chegou ainda, totalmente, o poder da civilização, o fenómeno apresenta, em certos sectores, características mui diferentes da psicologia dos insulares, qualquer que seja a sua nacionalidade ou latitude. Mas não deixa de oferecer o mesmo interesse a quem se preocupe com o ritmo evolutivo do espírito humano.*

*É, especialmente, nas gentes que vivem entre cadeias de montanhas que vamos encontrar, de novo, o homem metido em si próprio, o homem que reduziu a vida à árdua conquista do pão quotidiano e o enigma do infinito a uma simples crença, que colocou ao canto da alma como um bordão, para dele se servir nos momentos de vicissitude ou quando a morte lhe bate à porta. Tradicionalista, página viva da antropologia, a sua atitude ante o mundo de hoje dir-se-á igual à dos seus maiores perante o mundo de ontem e de todos os dias que já se perderam no cinerário do tempo. Mas não é assim. Agora e logo, neste raciocínio, naquela fala, no desenrolar das ambições e dos intentos, descobre-se a força da evolução que o vai penetrando, hoje um pouco, amanhã mais, num trabalho lento de pua furando granito.*

*Às vezes, parece-nos surpreender, nessa demorada metamorfose, algo da personalidade remota de todos nós, como se antiquíssima reminiscência faiscasse, de súbito, em sombrio recanto do nosso espírito. Dir-se-á que encontramos, nesses homens, farrapos da nossa vida de outrora, farrapos que foram abandonados ao longo da intérmina jornada, de geração para geração, de século para século, porque todos nós, um dia, teríamos sido assim. E surge, então, como que um sentimento de pré-terita fraternidade, que se projecta no presente, abrindo-se em compreensão e amor.*

\*

*Depois da minha estada em Andorra, desejei conhecer esta gente barrosã, humilde e boa, que vivia no extremo de Portugal como se vivesse no extremo do mundo e que, formando paralelo com os camponeses daquele pequeno principado, me atraía com os seus hábitos patriarcais e a sua existência à parte, entre montanhas e céu. A Literatura só mui fragmentariamente tinha deflorado Barroso; a Pintura e a Escultura jamais haviam tentado fixar estes velhos e velhas que se agarravam às pedras nativas como felpa silvestre e cujas cabeças também de pedra pareciam feitas. Era um outro mundo a descobrir, não por ser opulento de motivos, que as almas se mostravam simples, os costumes austeros e a vida transcorria, como há muitos séculos, entre jornadas agrícolas e pastoris, mas porque a existência se apresentava ali com facetas que, de tão arcaicas, de tão remotas, dir-se-iam, de novo, inéditas.*

*Um dia, resolvi deixar Lisboa e ir auscultar o coração humano que palpitava nessas bravas serranias. Fui no Inverno, quando os píncaros estão cobertos de neve, os lobos vagueiam, famintos, os elementos rugem, apocalípticos, e os pobres pardieiros escorrem humidade e negrume. Fui também na Primavera, quando a erva das veigas e os campos de centeio têm, embutidas, rústicas floritas e nas encostas floresce a carapaça, dando à severa fisionomia de Barroso uma transitória garridice.*

*Apanhei o contraste da paisagem e procurei surpreender a atmosfera das almas. Metidos, um e outra, à mesma masseira, confundidos, ligados num só todo, surgiu este livro. É possível que a massa não esteja bem levedada, que o pão não seja saboroso. Não importa. Eu ficaria satisfeito se soubesse que tinha conseguido dar, com o grupo humano que trilha estas páginas, pobre, rude, vergado de humildade, a vida que lá se vivia e alguns dos sentimentos e instintos que mais têm perdurado na*

*nossa espécie e que podem ser vistos, aqui, com certa timidez, porque estão mais próximos da sua origem.*

*Estes velhos e velhas, em cujo rosto a charrua do tempo lavrou profundos sulcos, estas crianças maltrapilhas, criadas ao deus-dará, entre a lama dos pobres burgos e os animais domésticos, esta gente simples e despecuniada, que me faz sentir o frio que ela sente nas noites inverniais e me recorda os seus desolados casebres quando percorro algumas ruas de Lisboa, onde se exibem sumptuosas moradias, demonstra-nos que se a felicidade não se obteve com as conquistas da civilização, também não existia, senão em casos singulares, antes de o homem ter colocado o seu génio ao serviço da sua ansiedade.*

*Para além do seu entrecho, o romance procura dar, a quem tenha pela vida humana interesse igual ao nosso, alguns esboços de história natural. Para além do drama imaginário há a vida, sem grandes lances, do homem que vegetava, há tantos séculos, incrustado nas montanhas, mas que, pelo seu próprio modo de existência, dir-se-ia nascido há pouco. A civilização, lá longe, parecia ter sido criada apenas para uma minoria, enquanto a miséria fustigava e fustiga ainda este triste e negro cortejo.*

## I

Sobre a montada, subindo, devagar, a trilha pedregosa, Leonardo esmoía íntimas irritações. Não podia ser! Os galegos estragavam tudo, quer pagando quantos direitos os guardas-fiscais lhes exigiam, quer andando na calada da noite, a fazer contrabando de peles. Ainda se aparecessem muitas de texugo e de tourão, em que os ganhos pingavam mais, sempre se poderia ir vivendo. Mas não. O gardunho tornara-se bicho raro e também não se matava todos os dias um texugo. E que se matasse! Já se sabia que os galegos pagavam mais – e pele esticada e seca ficava guardadinha para eles. Se nem as de raposa escapavam! Levavam tudo! Desdenhadas, só as de cabrito e de vitela, tão baratuchas que um homem fartava-se de carregar com elas para poder ganhar uns tristes vinténs...

O Sol, já quase horizontal, com seus raios a morrerem no gume das montanhas, recortava-lhe a figura, sobre a pileca. Nem alto, nem baixo, mas tão forte que o Dr. Cardoso, cacique em Montalegre, vira-se em dificuldades para o livrar do serviço militar, as pernas, se se arqueassem mais, tocariam calcanhar com calcanhar sob o ventre do cavalo.

Vestiam os seus trinta e quatro anos feitos e vividos sempre ali, entre a agressividade dos elementos, um casaco e colete velhos, enodoados, a camisa sem gravata. O rosto mostrava faces crestadas, lábios grossos, e os olhos pestanudos

quase se ocultavam sob o boné de pala, que descia até meia testa. Nos ombros, luzia manta cromática, das que se fabricavam em Barroso, e de um lado e outro do bucéfalo dançavam, ao sabor da marcha, as peles compradas nesse dia. Tinham as extremidades endurecidas e do centro, ainda viscoso, exalavam cheiro nauseante.

Como o carreiro avançasse, agora, por trecho plano, de urgueira, tojo e carqueja, esporeou a besta e pô-la a trotar. Não, não estava certo! Andar esbaforido, de manhã à noite, sem resultado que se visse, só porque o haviam intrigado com o Iglésias e o galego não quisera negociar mais com ele! Se tivesse capital e pudesse mandar as pelegas directamente para Braga, até seria, talvez, melhor. Mas, assim, quem ganhava era o Sarzedas, repimpado em Montalegre, pois não tinha outro trabalho senão comprá-las e revendê-las, depois, no Porto, sabe-se lá por quanto cada uma! A ele, pele de cabrito não deixava mais de cinco tostões; ao Sarzedas, era o que se via! Já alargara a casa e toda a gente dizia que aferrolhava bom dinheiro. E tudo por causa do perneto do Jerónimo, pois seria capaz de jurar que fora ele quem andara com enzonices junto do Iglésias. Mas aí, se ele, um dia, tivesse a certeza! Nem os ossos se lhe aproveitariam!

De novo o caminho ia encabritando abada acima. Pador-nelos estava perto, mas mal se divisava. Os seus casebres de pedra solta, escurecida pelo tempo, e cobertos de colmo, dir-se-ia fruírem poder mimético, confundindo-se, apagando-se na encosta pardacenta. Se não fosse a moradia do «americano», erguida, com sua fachada branca e telhado vermelho, um pouco arriba do aglomerado lugarenho, a quem viesse de longe tudo pareceria serra, não habitada por homens, mas por lobos ou outros bichos que gostassem de abruptas solidões. Para trás, o Larouco levantava a crista majestosa, ligando a terra ao céu e ostentando, nas primeiras declividades, grandes lençóis de

neve. Era vulto enorme e altivo, presidindo, com a sua imponência, às outras montanhas que rabiavam dali ao Gerês. E, nascido do seu peito, o Cávado, deslizando de fraga em fraga, vinha correr cá em baixo, à esquerda de Leonardo. Ia manso no leito de margens quase nuas, pois só um ou outro vidoeiro, desfolhado pela invernia, nelas se destacava, alto e triste. Mas, aqui e ali, alagava lameiros de erva mui verde — únicas manchas de cor viva na paisagem austera, cóbrea e sombria.

Choutando, o vento a arranhar-lhe as faces, que ali, como em toda a terra Barrosã, o invisível cantor de árias fazia-se sentir quase o ano inteiro; Leonardo meteu ao lugarejo, sempre a magicar na vida ruim, que não apresentava porta de saída capaz. Havia que fazer das tripas coração e ir falar ao Iglésias. Mal por mal, sempre o galego era melhor do que o Sarzedas. E aquilo não podia continuar assim! Ganhando tão pouco, nem um reco sequer conseguiria sustentar. E que iriam eles comer? Por ele não se importava, nem se rebaixaria ao galego. Acreditara em ditos? Pois que tivesse muita saúde! Ele agarraria em si e marcharia, como os de Pitões, para as salsicharias de Lisboa ou para onde quer que fosse, que um homem sozinho em toda a parte se arranjava. Mas assim, casado... Até parecia mal ter tirado a Ermelinda de casa dos pais, para lhe dar vida tão mesquinha...

Cortando a povoação, o cavalo voltava ao seu passo lento de fadiga. As patas entravam fundo na lama das ruelas, refocilada por quantos porcos se criavam ali e constituíam riqueza de quem havia de passar o ano a comer a sua carne, pão e batatas, que outro manjar, pondo de parte a fêvera de bacalhau, no Verão, não se cozinhava nas aldeias de Barroso. Terra fria, onde não medrava árvore de fruto nem se colhia vinho, tirante o centeio, a batata, os nabais e duas couvezitas no quinchoso, o resto era uma pobreza.

Padornelos, de sorte igual à de outras aldeolas Barrosãs, parecia, no Inverno, uma grande pocilga. Tudo se apresentava

negrusco, sujo, enlameado. Nem telha a sorrir, nem pincelada de cal, nem planta ou janela florida. Terra para raiz só mais abaixo, nas margens do rio. Ali, os casinhotos, sem quintal, prantavam-se uns junto dos outros, esburacados, velhos de séculos, só conhecendo renovação na palha que os cobria. Eram formados por lascas de xisto e de granito, escurecidas pelos anos e arrancadas, outrora, à montanha. Por vezes, via-se que o construtor remoto, não querendo ir mais além no seu esforço, aproveitara corte natural no fraguado, encostara-lhe três paredes e, assim abrigado pela rocha fria, ressumando humanidade, abria o ciclo familiar. Havia passado sucessivas gerações e, decorrido tanto tempo, sofria-se ainda a sensação de vida cavernária, de Humanidade que ficara lá muito longe, muito longe, na Pré-História.

As casuchas possuíam dois pisos: em baixo, para vacas, suínos, cabras e ovelhas; em cima, para os homens, as mulheres e a filharada. Não se sabia onde acabava o curral e onde começava a habitação da gente. As crianças cresciam entre os porcos, nas vielas, nos pátios, por toda a parte, e, muitas vezes, o choro manso de um recém-nascido era abafado pelo mugir lamentoso de vaca a quem tinham vendido a cria. Havia casebres em que pais, filhos e netos viviam em total promiscuidade, oito, dez, doze corpos de sexos e idades diferentes dormindo no mesmo quadrilongo fosco, as camas procurando a vizinhança do borralho, hoje como há cem anos, há quinhentos, há mil.

Nos alpendres, enfeixavam-se, ao lado de troncos secos de carvalheiras e raízes de urze, que deviam arder no Inverno rigoroso, o feno e a palha de centeio, pensos que o gado remoeiria, pacientemente, quando a terra estivesse coberta de neve e nenhuma folhita verde se lhe oferecesse nos lugares de pastio. A pecuária era o único recurso de quem habitava a região estéril e inóspita. E o homem entregava-se ao seu culto, confundindo-se com os outros animais, na forçada sobriedade

O enredo, que concilia o realismo da descrição das «gentes que vivem entre cadeias de montanhas (...) página viva da antropologia» com o tom da tragédia, localiza-se em Terras do Barroso, Trás-os-Montes. Na pequena aldeia de Padornelos, Leonardo procura com o pobre sustento do seu trabalho de jornalista, e sobretudo com o contrabando, prover a si e à sua família, enquanto sonha em se estabelecer por conta própria com uma venda. A ambição de uma vida independente parece-lhe finalmente poder concretizar-se com a chegada à aldeia de um homem há muito emigrado nos Estados Unidos. Porém, o «americano» rico e influente «se com uma mão lhe dá alguma coisa com a outra tudo tira, inclusive a paz e a mulher».

Publicado originalmente em 1934, e posteriormente adaptado ao cinema, *Terra Fria* suscita, desde logo, o entusiasmo da crítica, vindo a ocupar um dos lugares cimeiros do universo ficcional de Ferreira de Castro e na literatura portuguesa do século xx.


«Um realismo vigorosamente embebido do sentido trágico da existência em almas simples de gente rústica.»


Álvaro Salema



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

 [cavalodeferro](#)

 [penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-589-553-3



9 789895 895533